

## **IDEIAS PEDAGÓGICAS: DIÁLOGOS - PROPOSTAS - SABERES, PARA ALÉM DE UMA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.**

Autor: Lamartine Gaspar de Oliveira

*Universidade Presbiteriana Mackenzie – MACKPESQUISA – E-mail: lamartine.oliveira@mackenzie.br*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo o questionamento para compreensão do comportamento da História da Educação, cujos registros de ideias pedagógicas contidos em suas páginas, serviram apenas como partes que preencheram a lacuna de um tempo, sem mudanças que proporcionasse à sociedade alcançar a finalidade pretendida. A partir desse problema pretende-se caminhar apresentando a necessidade de percepção, se aquilo que fora pensado pelos educadores não foi reflexionado apenas para responder as demandas surgidas ou problemas vividos por aquele tempo. Espera-se que a ideia apresentada forneça uma indagação para estabelecer rupturas e derrubar pressupostos, “paradigmas tradicionais”, necessidades vitais de uma sociedade que urge por mudanças. Se esta sociedade não consegue ver chegar até seus indivíduos tais respostas às suas urgências, permanecem apenas no papel, como assistentes ao tempo que passa. É necessário que dentro dessa História da Educação, e como processo historiográfico, faça ver germinar frutos para transformações, e isso a partir de diálogos, propostas e saberes, não como clichês que ficarão pendurados e pinçados por professores e pesquisadores de algo que se deu num tempo, numa história factual e positivista, como notícias jornalísticas que veiculam e logo desaparecem. As relevâncias acadêmicas e sociais dessa pesquisa são evidenciadas por viabilizar a proposição de diálogo para aproximação, das propostas para novos caminhos e dos saberes por entender que fará aproximar a objetividade da subjetividade, o alfabetizado do analfabeto, a compreensão da incompreensão, o oportuno do inoportuno, a tolerância do intolerante. Portanto, o Eu que consegue ser percebido no Outro.

**Palavras-chave:** ideias pedagógicas, diálogos, propostas, saberes, História da Educação.

## 1 Introdução

A história e os registros da história passaram e necessitam ainda passar por mudanças, cujas modificações alcancem com contribuição o sujeito da história que é o homem. A história humana tem seu registro porque é produzida por sujeitos que ao longo de suas trajetórias de vidas deixaram vestígios, inclusive cultural que serviram para a educação, assim chegando ao registro de uma historiografia do tempo presente com fontes sendo interpretadas pelos historiadores na busca de como produzir “os protocolos de verdade” (VEIGA e FONSECA, 2008, p. 13).

Por este caminho, o historiador Collingwood, em sua obra *A Ideia de História*, e respondendo o que é história, inicia falando da natureza, objeto, método e valor dessa história, dizendo ser “diversas pessoas que poderão dar soluções diversas” (1978, p. 14). Assim, da história denominada de positivista<sup>1</sup>, àquela pertencente a historiografia que tem por pretensão fazer o registro completo e inequívoco da história, até a chegada da Escola francesa dos *Annales*, a Nova História de 1929, que propunha-se (LE GOFF, 1998, p.28) estar além da visão dos positivistas<sup>2</sup>, espera-se, nesta última, poder contribuir promovendo para a educação, não só o olhar da história sobre os fatos e os documentos conforme foleado em suas páginas, mas as transformações, a quebra de paradigmas e rupturas de tudo que envolve o próprio indivíduo e a sociedade.

---

<sup>1</sup> A historiografia positivista não se preocupa em fazer uma crítica das fontes históricas e das pesquisas já publicadas. Seu interesse maior está em fazer uma narrativa cronologicamente linear dos eventos, demonstrando que o presente nada mais é do que o resultado da evolução histórica do passado. Para esta corrente historiográfica a história nada mais é do que uma sucessão de acontecimentos que pode ser demarcada em períodos determinados por padrões universais. Ainda que cada sociedade tenha suas particularidades e seu próprio ritmo, se o curso normal da história for seguido, todas as civilizações passarão pelas mesmas etapas de desenvolvimento social, político e econômico.  
Disponível em: <<https://filiprof.wordpress.com/1-2/i-introducao-a-historia/2-historiografia-positivista/>>. Acesso em: 01 set. 2018.

<sup>2</sup> Para a “História Nova”, a história deixa de ser tratada e escrita somente por especialistas e invade todos os espaços possíveis. Ela foi capaz de abandonar os paradigmas do passado, inverter a lógica da abordagem, abandonar a construção de uma história eminentemente política, deixando de lado a história dos grandes homens e personagens, ressuscitando os silêncios da história, os mudos, as mazelas, para inaugurar uma história vista de outro ângulo interpretativo.  
Disponível em: <http://historiacsd.blogspot.com/2011/04/proposta-da-escola-dos-annales-e.html>. Acesso em: 01 set. 2018.

Narrar, registrar ou descrever fatos é vocação da história, mas tornar os sujeitos participantes efetivos dessa história é algo que os *Annales*, conforme Carr (1996, p.121-142), propusera para que um novo olhar fosse estabelecido a esses registros, pois “o estudo da história é um estudo de causas (CARR, 1996, p. 121).

Isto me traz ao famoso problema da objetividade na história. A palavra em si gera confusões e interrogações. Numa conferência anterior, já argumentei que as ciências sociais - e entre elas a história - não podem se harmonizar com uma teoria de conhecimento que coloque sujeito e objeto separadamente e que reforce uma separação rígida entre o observador e a coisa observada. Precisamos de um novo modelo que faça jus ao processo complexo de inter-relação e interação entre eles. Os fatos da história não podem ser puramente objetivos, desde o momento em que eles se tornam fatos da história em virtude do significado que lhes dá o historiador (CARR, 1996, p. 128).

Assim, brota o objetivo desta investigação – o desejo de constatar, conforme apresentado pela própria “Escola Nova”, e a partir do diálogo com o documento, o entendimento que a observação que se passa a fazer das ideias e críticas a esses fatos históricos, e de cujo olhar norteador com o fim a que se propõe, não fique ou continue apenas como clichês em seus registros, ou sirvam apenas de informações históricas, mas que produzam as mudanças pensadas. Prosseguindo assim poderá fomentar outros trabalhos e outras reflexões.

A pesquisa também se justifica, não por estar ou se preocupar em criar novos paradigmas<sup>3</sup>, mais ter em seu total arcabouço um moderno campo de atuação para essa história da educação. Desta maneira, promoveria, conjuntamente com a antropologia, a sociologia e a filosofia da educação, por exemplo, o conjunto da interdisciplinaridade no desejo de retirar dessa história da educação o que parece ser um isolamento, em que os fatos são apenas contados ou apresentados para docentes e discentes, dando-lhe um caráter revolucionário e realizando uma mudança considerável no conhecimento histórico.

---

<sup>3</sup> A nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o “paradigma” tradicional (BURKE, 1992, p. 10).

Diz Saviani,

Fiz um primeiro esforço neste sentido, discutindo o problema dos objetivos da educação brasileira e dos meios para atingi-los. Essa tentativa isolada foi tomando corpo. À medida que os debates avançavam, o campo cultural foi alargando-se e a preocupação pedagógica foi aguçando-se (SAVIANI, 2013, p. 59).

Sendo assim, perceber-se-á ideias pedagógicas nascidas de diálogos e debates em cujas propostas e saberes passam a estar para além de uma história da educação. Dessarte, ambicionada pela educação, em especial a brasileira, inserida no tempo histórico de periodização revelando e denunciando os processos pelo quais têm passado, mas, muitos deles, sem os resultados e registros de mudanças esperados.

Para tanto, Veiga e Fonseca passam a questionar:

Qual o lugar da história da educação neste debate? ... se tudo é educação ou se a educação está em toda a parte, será que há uma necessidade de uma história da educação? De imediato, afirmo serem profundas as diferenças entre *histórias* e *histórias de*, em especial quando se trata da educação (2008, p. 15)”.  
.

Deve-se perceber que essa história da educação terá seu real valor quando após os relatos, também passar a historiografar as transformações que foram viabilizadas, descrevendo que ela nasce por empenho do desejo de ideias e diálogos de uma prática educacional, e que seja esta constante, de uma educação escolar que surgiu não como “apenas” um valor social, mas como mecanismo de luta de classes. Para isso as autoras, Veiga e Fonseca, quando iniciaram o capítulo da obra História e Historiografia no Brasil, o fizeram, à semelhança de Saviani, manifestando que o objetivo principal seria “discutir os referenciais teórico-metodológicos da chamada “nova história política” na perspectiva de contribuir para a ampliação das problematizações da educação como objeto histórico” (2008, p. 13).

## 2 Metodologia

A obra de Saviani (2013), *História das ideias pedagógicas no Brasil*, apresenta oito períodos vividos pelo Brasil cujas ideias apresentadas se faz no sentido de observá-las para análise na expectativa de cujo resultado se dê em mudança. São períodos que começam no século XVI e XVIII, precisamente 1549-1759, de um “Monopólio da vertente religiosa da pedagogia tradicional”, até o período apontado no século XX, 1991-1996, e intitulado de “Neoconstrutivismo, neotecnicismo, neoescolanovismo”, em que ele próprio, Saviani, ao seu fim, questiona com a seguinte elocução: “Que rumo tomarão as ideias pedagógicas no Brasil?” (p. 15). Parece, ao tempo que questiona, não acreditar nas mudanças. Para que isso não se torne uma realidade, diz que “Foi, pois, pensando em contribuir para o desenvolvimento do trabalho dos professores nas salas de aula, assim como dos dirigentes das escolas e sistemas de ensino, que decidi publicar este livro” (2013, p. 22).

Portanto, torna-se de fundamental urgência e importância que se proponha, que aquilo que fora narrado pela história da educação, mova-se pela transformação de algo perceptível, realizável, descortinando-se nas salas de aulas de escolas brasileiras, na instrução e formação das crianças. É desmistificar para deixar de discutir de quem é a culpa por provar do fruto proibido: Adão ou Eva? Quem é o autor do pecado original? Ou seja, parar de ficar declarando como um “passa-a-bola” que a responsabilidade pelo atraso educacional no Brasil está, ou tem suas raízes, “apenas” na formação histórica do país.

O artigo 205 da Constituição Federal diz:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Se a educação escolar é um direito de todos, deve-se contemplar a urgência no cumprimento dessa finalidade para o desenvolvimento e progresso das crianças e jovens,



patrimônios de uma sociedade, na vontade de aprimorarem-se no saber desenvolvendo seus raciocínios e pensamentos. É saber que as bases que deveriam ser passadas, lhes foram entregues e aplicadas como valores éticos, morais e até religiosos, esse último sem fundamentalismos. O desenvolvimento da capacidade de aprender e o cuidado dessa preparação na vida do sujeito, já quando criança, é para torna-lo cidadão completo, cujo cidadão deverá conviver com a sociedade e tudo isso já a partir da educação infantil, progredindo pelos ensinamentos fundamental e médio. Assim, o que se deve fazer é implementar um sistema que funcione com menos “sabor” de política. Caso contrário, dentro dessa história da educação deverá questionar-se com os “protocolos da verdade”, e com mais veemência, que espaço tem ocupado o poder na política educacional? Quais benefícios têm oferecido para a educação? É deixar de ser a educação um clichê, apenas, para passar a consolidar-se com os objetivos que a educação almeja alcançar, com a universalização do acesso e estruturando-se cada vez mais no ensinar a aprender, mais do que apenas transmitir conhecimentos.

Para Morrish,

Educação é educação para a comunidade e para a existência... A educação deve preparar para a mudança – mudança dentro dos padrões de cultura, mudança dentro dos padrões éticos e morais básicos para mudanças nos valores centrais da sociedade (1977, p. 221).

As questões que até hoje foram levantadas por seus teóricos precisam ter consonância e ressonância, reverberando sua concretude. Visto assim, viabilizará a proposição de diálogo para aproximação das propostas para novos caminhos e dos saberes por entender que fará aproximar a objetividade da subjetividade, o alfabetizado do analfabeto, a compreensão da incompreensão, o oportuno do inoportuno, a tolerância do intolerante. Portanto, o Eu que consegue ser percebido no Outro. É também entrar no processo de autoconhecimento como disse Collingwood apontando para que serve a história, a mesma que historiografa a educação:

A História é para auto-conhecimento humano. Julga-se, geralmente, que é importante, para o homem, que ele se conheça a si próprio, não querendo isto dizer que ele conheça as suas particularidades meramente pessoais, aquilo que o diferencia dos outros, mas sim a sua natureza de homem (1978, p. 17).

Sabe-se que a educação é a apropriação da cultura, e através da história se torna a construtora desse sujeito histórico inserindo-o em outro espaço para seu crescimento. Assim, passando a dar a esse sujeito a importância que carece para aprendizagem e constituição de interesse das demais coisas que lhes serão apresentadas. É o sujeito da história, o mesmo contido na história da educação que agora não está mais contido apenas para compor uma página da história. É para a educação e através dela que se constrói os sujeitos e esses históricos como autores no modo de refletir sobre a realidade, sobre o mundo e sobre eles mesmos. Nessa direção, a realização do indivíduo como sujeito que pertence à história distingue sua conexão com a coletividade e seu acordo com a mudança social.

Para Morrish,

Entretanto, a cultura, através dos processos de educação, deveria ser dinâmica e desempenhar um papel direcional. Para este fim, a educação é, num sentido concreto, teleológica, isto é, proporciona uma finalidade comum na sociedade e para a sociedade, a qual deve ser cuidadosamente pensada e construída (1977, p. 78).

O sujeito, ao perceber a realidade, esta como capacidade de transformar e de inovar, percebe-se como ser inteligente podendo desbancar seus limites, alcançar horizontes, como diz Demo, “tornando-o ativo, envolvido e participativo (2009, p. 91). Ao estabelecer-se como sujeito da história passa a ser o autor e senhor de sua própria vontade, situando-se como um ser social em convivência e respeito aos outros. Quando essa convivência alcança o diálogo, torna livre esse sujeito dentro da história, construindo sua própria história. O alcance desse universo social passa a ser primordial, fundamental para ele e na relação com o Outro sendo percebido, inclusive no rosto do Outro para caminharem juntos.

Ainda para Morrish,

A estrutura do eu individual reflete o padrão geral de comportamento do grupo social a que o indivíduo pertence; existe uma estrutura comum de eus; nós somos membros de uma comunidade. O eu é um fenômeno sociológico e cada um de nós tem de ser membro de uma comunidade para que seja um eu (1977, p.78).

É no contexto dessas relações sociais construídas que a constituição do sujeito acontece, não como apêndice, mas na história das interações, das quais os sujeitos são componentes e participam dos lugares sociais que ali adquirirem. Assim, o que se verá é a história da educação que passa a fazer história.



### 3 Conclusão

A caminhada desta pesquisa acadêmica pôde concluir que as ideias pedagógicas deverão nascer a partir de diálogos, os mesmos tendo por objetivo verem-se transformados em propostas que possam modificar a vida do sujeito na história como da própria sociedade em que se encontra inserido. Repetir apenas a história da educação sem que a mesma tenha tido o objetivo que lhe deveria ser crucial, de descrever as mudanças e transformações ocorridas nesse processo historiográfico, é contemplar que os clichês históricos nasceram sem um fim ou fundamento específico, ou seja, os saberes foram desprezados. Talvez nunca existiram.

Assim, poder exprimir, que o objetivo da história da educação não é apenas descrever ou narrar os fatos, é reproduzir retratando o quanto a educação permite o sujeito atingir uma qualidade social. É viabilizar um verdadeiro aprendizado a cada aluno. É alcançar contemplando docentes e discentes para um novo tempo. Desta maneira, deseja-se contemplar que nos seus registros foram garantidos, e de forma sistemática, a apropriação do desenvolvimento do conhecimento do sujeito da história nos anos que esteve desenvolvendo seu saber da educação infantil ao ensino médio, "séries" cruciais para esse saber histórico.

Suas diversas habilidades serão desenvolvidas e as interferências da política se darão para a contribuição desse desenvolvimento integral na vida do sujeito histórico, pois é o indivíduo da sociedade, o cidadão. Igualmente ele poderá desfrutar, ganhando a visão de mundo de forma coesa, coerente e consistente. Suas adversidades, como conflitos individuais e coletivos foram resolvidos. Os valores elencados ao longo da pesquisa que puderam dar sustentação, sendo eles alicerçados pela ética e pela moral, também com o olhar religioso, e este último sem fundamentalismo, pôde estimular, promover e tornar oportuno o processo de uma construção coletiva, participativa na sociedade para manter e/ou transformá-la de forma coerente, consciente, crítica, criativa e responsável.

Enfim, se a história da educação enfatizasse o sujeito visto no rosto do Outro, o que seria contemplado na educação, a partir da convivência e diálogo, seria a subjetividade dessa vida em entendimento com a objetividade, o analfabeto alcançado pelo alfabetizado, a incompreensão daria lugar a compreensão, o inoportuno ao oportuno, o intolerante ao tolerante. Que caminhe a história da educação rompendo barreiras e quebrando paradigmas em favor dos sujeitos da história e da própria educação.

#### 4 Referências

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. 3ª ed. São Paulo: UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Escola dos “Annales” (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. 3ª ed. São Paulo: 1992.

CARR, Edward Hallet. **Que é história?** São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CLLINGWOOD, R. G. **A Ideia de História**. 4ª ed. Portugal/ Brasil: Editorial Presença/ Martins Fontes, 1978.

DEMO, Pedro. **Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias pedagógicas**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2001.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MORRISH, Ivor. **Sociologia da Educação**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4ª ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2013.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia histórico-crítica**. 11ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivia de Lima e. (orgs.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.